

# APONTAMENTOS SOBRE A IMPORTÂNCIA DA TRANSDISCIPLINARIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS NO CONTEXTO CLÍNICO: uma visão dos terapeutas

## Notes on the Importance of Transdisciplinarity in the Literacy Process of Autistic Children in the Clinical Context: a therapists' perspective

Diego Santos Mendes da Silva<sup>1</sup>

Orientadora: Prof. Dra. Ana Maria Tavares Duarte<sup>2</sup>

---

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo levantar de maneira pontual, como os terapeutas que atuam em uma clínica transdisciplinar de Caruaru entendem a importância dessa abordagem para crianças autistas e o avanço e desenvolvimento da alfabetização nessas crianças. A pesquisa se configura em caráter qualitativo e se baseou em observações sistemáticas e aplicação de entrevistas semi-estruturadas para obter um repertório de avaliação e análise mais denso para que de maneira mais assertiva conseguisse concluir seus objetivos, a pesquisa vai se basear em cima de 4 terapeutas, cada um com seu segmento específico, e buscará observar como funciona a transdisciplinaridade e suas interferências no processo de alfabetização das crianças autistas atendidas pelo modelo adotado pela clínica que está localizada na cidade de Caruaru no estado de Pernambuco. Através dos resultados obtidos pelas observações e entrevistas notou-se um padrão de manejo com as crianças muito semelhante entre as diferentes áreas pesquisadas, além de um alinhamento teórico-prático entre os terapeutas que possibilita uma dinâmica muito padronizada e estruturada independente da área. Os resultados ainda apontam que há um controle de comportamentos inadequados e disruptivos mais acentuado quando o trabalho é articulado dessa maneira. Para além, alguns dos dados obtidos também apontam que nesse organismo complexo transdisciplinar há uma dificuldade de comunicação que o grupo entrevistado acredita ser a sua maior dificuldade dentro do modelo.

**Palavras-chave:** Autismo; Alfabetização; Transdisciplinaridade.

---

### ABSTRACT

This article aims to specifically identify how therapists working in a transdisciplinary clinic in Caruaru understand the importance of this approach for autistic children and the advancement and development of literacy in these children. The research is qualitative in nature and was based on systematic observations and the application of semi-structured interviews to obtain a denser repertoire of evaluation and analysis so that it could more assertively complete its objectives. The research will be based on 4 therapists, each with their specific segment, and will seek to observe how transdisciplinarity works and its interference in the literacy process of autistic children served by the model adopted by the clinic located in the city of Caruaru in the state of Pernambuco. Through the results obtained through observations and interviews, a very similar pattern of management with children was noted between the different areas researched, in addition to a theoretical-practical alignment between therapists that allows for a very standardized and very structured dynamic regardless of the area. The results also indicate that there is greater control of inappropriate and disruptive behaviors when work is articulated in this way. Furthermore, some of the data obtained also indicates that in this complex transdisciplinary organism there is a difficulty in communication that the group interviewed believes to be their biggest difficulty within the model.

**Keywords:** Autism; Literacy; Transdisciplinarity.

---

<sup>1</sup> Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: [diego.smsilva@ufpe.br](mailto:diego.smsilva@ufpe.br).

<sup>2</sup> Professora associada ao Núcleo de Formação Docente, Centro Acadêmico do Agreste/UFPE.

---

**DATA DE APROVAÇÃO:** 29 de SETEMBRO de 2023.

---

## **1 INTRODUÇÃO**

Compreendendo as relações fundamentais entre o trabalho articulado de várias áreas de atendimento clínico no processo do desenvolvimento de habilidades na criança e sobretudo da criança autista, esta pesquisa é direcionada na abordagem transdisciplinar, que se refere ao contexto interventivo numa perspectiva coletiva, em busca de resultados efetivos que favoreçam os vários aspectos evolutivos dessas crianças.

A pesquisa surgiu diante da necessidade de conversar sobre os impactos positivos causados pelo processo de aplicação pautada na transdisciplinaridade no desenvolvimento da alfabetização dessas crianças através das observações dos vários profissionais que fazem o seu atendimento clínico. A pesquisa busca visualizar um progresso condicionado por meio de estratégias oriundas de todas as áreas que estão presentes no desenvolvimento da criança. O artigo trabalhará pela ótica da alfabetização de crianças autistas com o intuito de buscar os benefícios desse trabalho transdisciplinar no caminho de alfabetizar essas crianças.

Destacando também as contribuições de uma intervenção elaborada e realizada em conjunto, a alfabetização nesse recorte é erguida e sustentada sobretudo pela cooperatividade do ambiente transdisciplinar que amplia com qualidade as estratégias para o profissional do trabalho pedagógico do contexto clínico executar suas atividades de forma mais assertiva e flexível.

Enquanto educador, pesquisador e estudante, minha inquietação referente ao fenômeno da alfabetização na perspectiva transdisciplinar se faz presente pois eu acredito no advento real da inclusão onde essas crianças possam ser de fato assistidas de maneira eficiente em seus espaços de relação. Minhas experiências com esse campo trazem a reflexão de que o caminho mais assertivo para de fato termos crianças com o Transtorno do espectro autista alfabetizadas de maneira coerente com as demandas sociais é pelo caminho articulado entre todos os envolvidos no desenvolvimento desses indivíduos. Busco, portanto, trazer um recorte dessa realidade empírica para fomentar ainda mais essa discussão, que considero importantíssima, e evidenciar a urgência de um debate acadêmico mais presente. Justifico dessa forma que minhas vivências no universo transdisciplinar me guiaram até a construção desse material.

Tal é a importância dessa discussão que o caminho traçado para essa exposição é dedicado à contextualização de uma criança autista baseado em definições da Associação

Americana de Psiquiatria através do documento Manual Diagnóstico estatístico de transtornos mentais (DSM-5, 2014) assim como em estudos relacionados à análise do comportamento aplicada. Ao falar sobre os processos de alfabetização será enfatizada algumas definições como a de Magda Soares (2004) e do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (2015).

Para a realização da pesquisa e como resposta a realidade estudada, foi levantado o seguinte questionamento: Quais os impactos dos resultados no processo de alfabetização na abordagem transdisciplinar para crianças autistas visto que essa discussão aborda diversas áreas relacionais que podem contribuir para o aceleração do desenvolvimento cognitivo, emocional, social e pedagógico dessas crianças?

Com o intuito de responder à pergunta que vai nortear o estudo foi elaborado os seguintes objetivos: 1) Compreender o impacto dos resultados no processo de alfabetização na abordagem transdisciplinar como objetivo geral, enquanto os dois objetivos específicos tratam de Investigar o papel dos terapeutas na construção dessa alfabetização; e 2) Discutir sobre a caracterização da alfabetização de crianças autistas no contexto clínico.

A pesquisa vai seguir por uma linha de análise qualitativa com seu modelo proposto seguindo o estudo de caso, ele vai fornecer de maneira substancial uma melhor compreensão a respeito do fenômeno da alfabetização sustentada pelo trabalho transdisciplinar. A modalidade foi optada devido ao seu caráter, que segundo o autor Gil (2002) é classificada como profunda e exploratória de situações da vida real que auxiliam a entender melhor a relação entre fenômeno e contexto.

Para a coleta dos dados a pesquisa vai se encaminhar através de duas fontes de abordagens, a primeira será estruturada através de uma observação sistemática respaldada teoricamente à luz de Lüdke (1986) que sinaliza de maneira sintética que para uma observação se tornar um instrumento fidedigno de investigação ela precisa ser controlada e sistematizada, portanto enquanto os terapeutas estiverem em atendimento com as crianças a observação acontecerá da maneira mais sutil e atenta de maneira que não interfira na dinâmica dos atendimentos.

E para segunda forma foi escolhido o modelo de entrevistas semi-estruturadas, na justificativa teórica de ser mais coerente com a proposta da pesquisa

Como se realiza cada vez de maneira exclusiva, seja com indivíduos ou com grupos, a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas. Enquanto outros instrumentos têm seu destino selado no momento em que saem das

mãos do pesquisador que as elaborou , a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre entrevistador e entrevistado (Lüdke, 1986, p. 34).

Pelo fato de ser um modelo mais flexível, as ideias podem ser expostas de maneira mais ampla, possibilitando um espaço mais confortável para suas opiniões e problemáticas acerca do fenômeno serem delineadas, como também possibilita ao investigador realizar as devidas alterações nos questionários sempre que necessário para captar da maneira mais fidedigna possível as informações desejadas.

Serão entrevistados quatro terapeutas, sendo um de cada área de atuação do centro de terapias em que a pesquisa vai ser realizada, entre elas vão estar as áreas de Análise do Comportamento Aplicada, Pedagogia, Musicoterapia e Fonoaudiologia. Há uma necessidade rigorosa de ter uma visão integral das abordagens transdisciplinares nos seus diversos contextos. Para a condução das entrevistas, a depender da disponibilidade dos terapeutas, vão ser realizadas as observações dos atendimentos durante o período de um mês, os questionários semi-estruturados serão aplicados ao término desse período de observação.

A pesquisa é sustentada sobre uma linha de coleta e análise qualitativa visto que esta organiza e dispõe de um modelo mais abrangente para uma compreensão do objeto de estudo segundo Minayo (2001). É nesse sentido que diante a experiência dos terapeutas das diversas áreas que atuam no desenvolvimento dessas crianças autistas como também das observações sistemáticas, que vamos obter maiores respostas para relacionar os dados obtidos com os conceitos presentes na pesquisa.

A análise dos dados será vinculada diretamente na abordagem qualitativa, na justificativa desta abordagem possibilitar uma compreensão mais abrangente do fenômeno pesquisado. Para esse procedimento será acionado três etapas durante a análise; a primeira etapa será a redução dos dados que segundo Gil (2002) consiste em um processo elaborado de seleção, abstração, simplificação e transformação dos dados que foram observados em campo. A segunda etapa consiste em categorizar esses dados com textos narrativos tomando como base a relação entre as áreas que serão observadas e entrevistadas. Como terceira etapa ficamos com a interpretação desses dados, essa etapa trará hipóteses e questões na perspectiva de gerar novas indagações sobre o fenômeno pesquisado, dentro deste espectro é necessário entender que “Para que um estudo de campo tenha valor, é necessário que seja capaz de acrescentar algo ao já conhecido” (Gil, 2002, p. 134). Desta maneira a pesquisa seguirá com o intuito de acrescentar, na medida do possível, novas possibilidades e olhares mais complexos a respeito da temática.

---

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Autismo: Impasses na jornada do aprender

É imprescindível esclarecer quais são as características para definição do diagnóstico de uma pessoa autista, baseado no DSM-5, para diagnosticar alguém com o transtorno do espectro autista são observadas principalmente suas funções de comunicação e interação social em seus múltiplos contextos como também a ausência de habilidades para manter e compreender relações interpessoais além da presença de padrões repetitivos e extremamente rígidos de comportamentos e interesses. É importante salientar que o transtorno do espectro autista (TEA) faz parte de um grupo heterogêneo de transtornos do neurodesenvolvimento, portanto algumas das características citadas acima em que o diagnóstico se baseia podem estar presentes ou não como também pode haver alternância na recorrência desses comportamentos, dependendo do grau de desenvolvimento desta criança. Deste modo, precisamos de um olhar individualizado e atento para observar minuciosamente a presença e intensidade destas características com o objetivo de garantir um desenvolvimento mais eficiente e promotor de autonomia para essa criança em seus diversos contextos de interação e nas mais variadas experiências de aprendizagem que o levem para uma alfabetização plena.

Outro ponto para nortear a identificação deste diagnóstico, segundo o DSM-5, é entender que pode haver comorbidades variadas, portanto uma criança com autismo pode ter uma série de outros transtornos do neurodesenvolvimento associados à sua condição de autista, os mais comuns de serem observados são os transtornos de comunicação que afetam as áreas de linguagem, fala e comunicação social pragmática, a deficiência intelectual que se caracteriza pelo déficit de aprendizagens acadêmica, pensamento abstrato, juízo, planejamento, capacidades mentais genéricas e solução de problemas e também o TDAH (Transtorno de Atenção e Hiperatividade) que prejudica as áreas executivas de atenção, organização, engajamento e impulsividade.

Compreendendo de maneira abrangente os critérios aceitos cientificamente para identificar a presença do transtorno do espectro autista, podemos observar que alguns desses comportamentos podem prejudicar o seu processo de aprendizagem. Inicialmente podemos apontar a questão da comunicação como um dos fatores que agravam bastante a relação de ensino-aprendizagem dessas crianças por suas diversas nuances, os autores Alves (2006) e Schmidt (2013) pontuam que há algumas características específicas de comunicação no Transtorno do Espectro Autista como a inversão de pronomes, dificuldade em entender a relação eu-você, além da dificuldade em processar perguntas repetitivas.

Dentro do aspecto comunicativo podemos pontuar, ainda, que essas crianças possuem grandes dificuldades em lidar com situações que exigem um nível de abstração de maior complexidade, portanto vamos ter situações que essas crianças podem não compreender recursos dramáticos dentro de uma leitura ou uma interpretação feita por colegas, professores ou pessoas do seu meio de social. As características dessas defasagens na comunicação possuem uma estrutura mais ampla com muitas ramificações que afetam de diversas formas o desenvolvimento, como podemos observar:

Já as dificuldades na comunicação envolvem as habilidades tanto verbais quanto não verbais. Há indivíduos que não desenvolvem repertórios vocais, e outros apresentam linguagem imatura, caracterizada por jargão, ecolalia, inversão de pronome, alterações de prosódia etc. Os que possuem linguagem expressiva podem, ainda, apresentar dificuldades em iniciar ou manter uma conversa por faltar reciprocidade socioemocional, dificuldades em compreender sutilezas de linguagem, como piadas ou sarcasmo, além de alterações quanto à interpretação da linguagem corporal e expressões faciais (Perez; Coltri; Lima, 2018, p. 5).

Quando trazemos essas dificuldades de comunicação para um contexto relacional o autista irá se deparar com inúmeros impasses, principalmente em relação a interação com outras crianças, que por vezes podem não compreender a intenção comunicativa, Alves (2006) coloca essa questão em pauta ao falar que perguntas repetidas ou comportamentos verbais estereotipados podem exercer função de comunicação, ela também discute sobre as situações cotidianas em que a criança sente a necessidade de ser sociável porém não tem os instrumentos apropriados para compreender os pensamentos de outras pessoas. que para essas crianças se tornam inúmeras vezes mais difíceis porque não há ambientes preparados para lidar com tantas especificidades oriundas da sua condição.

Outro dos maiores desafios para os indivíduos com Transtorno do Espectro Autista são quebras de rotina, elas estão presentes em todos os contextos e para uma criança autista a mudança de pequenos fatores rotineiros podem desencadear crises duradouras que desorganizam completamente seu emocional podendo causar, a depender da recorrência dessas quebras de rotina, uma aversão pelo ambiente, visto que uma característica muito forte desse transtorno jaz na inflexibilidade de aceitar mudanças como as autoras bem explicam:

Uma das características diagnósticas do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é a apresentação de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades caracterizadas por movimentos motores, uso de objetos ou fala estereotipados que são anormais em intensidade ou foco, hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais do ambiente e adesão inflexível a rotinas ou padrões ritualizados (Perez; Coltri; Lima, 2018, p. 271).

O autista preza ambientes no qual as condições necessárias lhe fornecem segurança, locais com rotina previsível, pessoas conhecidas, dinâmica não muito complexa e meios para regular suas necessidades sensoriais. Muitas vezes devido às demandas do cotidiano não é possível dispor de tais condições sociais para assegurar que as crianças autistas continuem no seu processo de confortabilidade, prejudicando o processo de socialização que é também um dos marcos mais proeminentes como Schmidt (2013) pontua quando fala do comprometimento dessas habilidades como algo que prejudica seu processo de sociabilidade. Precisa-se entender que nem todos os autistas conseguem seguir os protocolos básicos nas dinâmicas do cotidiano, e algumas características contribuem para dificultar mais ainda esse processo, visto que alguns apresentam estereotípias e outros comportamentos que não lhe favorecem, por vezes, uma socialização em sala de aula ou outros ambientes de maneira convencional tal como é explicado a seguir

No que se refere ao TEA, os comportamentos estereotipados são bastante heterogêneos nos indivíduos com esse diagnóstico. Diferentes topografias foram estudadas, dentre elas: balançar as mãos, balançar o corpo e a cabeça, cerrar a face, ranger os dentes, andar nas pontas dos pés, girar objetos, alinhar objetos, levar a mão ou objetos à boca, “fungar”, ecolalia imediata ou tardia, movimentar objetos na visão periférica, comportamentos autolesivos repetitivos e acatisia( inquietação motora caracterizado pela dificuldade em se sentar ou em permanecer sentado) (Perez; Coltri; Lima, 2018, p. 272).

Tal é a intensidade e recorrência desses comportamentos que se faz necessário o uso de estratégias estruturadas e elaboradas por uma equipe diversificada, a autora Alves (2006) articula também essa necessidade ao falar sobre o impacto das intervenções articuladas entre vários profissionais para diminuição desses comportamentos. Essa fala deixa evidenciado que intervenções integrativas entre os responsáveis pelo desenvolvimento contribui de maneira muito eficiente para essas crianças, facilitando o caminho para o exercício da sua autonomia dentro dos processos de socialização. Como posto na relação integrativa de Alves (2006), onde o diálogo entre todos os envolvidos se faz a ferramenta mais efetiva, Freire (1987) contribui para esta discussão quando afirma que o diálogo é um ato de amor ao mundo, portanto é um compromisso. Este compromisso, está em todos os responsáveis pelo desenvolvimento dessas crianças com o Transtorno do Espectro Autista, quando se dispõe a dialogar e compartilhar, entre eles e com a criança, tudo que for possível para alicerçar uma intervenção mais eficiente e que respeite a integridade física e emocional.

Sendo o autismo um transtorno complexo, lotado de características que precisam ser observadas com certa minuciosidade para se construir uma intervenção assertiva, precisamos a todo momento de um olhar plural, Schmidt (2013) coloca que é através da colaboração que fenômenos mais complexos podem ser mais bem compreendidos. Quando tornamos a discussão dessas colaborações, falamos sobretudo do apoio de diversos profissionais que possam vir a suplementar, cada um com seu conhecimento epistemológico, no desenvolvimento dessas crianças.

## **2.2 Alfabetização: Um olhar sobre o indivíduo**

A perspectiva de alfabetização aqui posta, está sob uma ótica emancipatória, libertadora e que vislumbra de maneira contínua a importância dos processos de interação social nessa jornada que é alfabetizar as crianças autistas. Soares (2020) afirma que antes mesmo da criança ser introduzida no universo escolar ela já está construindo os conceitos de escrita através das experiências com a língua no contexto sociocultural e familiar, levando essa afirmação em conta, é preciso dizer que a aplicação pedagógica sistematizada é um elemento importante para construir de maneira significativa a alfabetização, se instalando, portanto, como um exercício conjunto e não, somente, um trabalho isolado da escola ou da clínica. Soares (2020) também afirma que a aprendizagem e desenvolvimento dessas crianças estão alinhados com os estímulos recebidos durante os processos de interação no contexto social e cultural da criança.

Para realizar um processo de alfabetização em que a criança autista garanta a aprendizagem dos conteúdos como também tenha autonomia de execução em momentos de atividades de cunho pedagógico ou não, é necessário que o responsável por essa tarefa garanta, de maneira dinâmica e prática, que os caminhos para alcançar esta criança até a alfabetização estejam adaptados às suas necessidades levando em conta o propósito amplo para sua utilização, segundo o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) se define como

[...] Defende-se que a alfabetização é o processo em que as crianças aprendem não somente a ler e a escrever, mas também a falar e a escutar em diferentes contextos sociais, e que a leitura, a escrita, a fala e a escuta representam meios de apropriação de conhecimentos relevantes para a vida (Brasil/ PNAIC, 2015. p. 7).

Com esse caráter emancipatório, a alfabetização dessas crianças precisa estar alinhada a objetivos concretos e alcançáveis tendo em vista principalmente a comunicação do sujeito que educa e o indivíduo educado como Freire bem pontua:

A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de entender, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade (Freire, 1996, p. 20).

Para se alfabetizar é necessário que aconteça essa comunicação com seus pares e não apenas o repasse das instruções, afinal iria acometer esses saberes, que acabariam por findar unicamente em utilidades supérfluas para conclusão de demandas. Precisa-se também que se faça amplo uso das suas relações com todos os campos sociais uma vez que a tarefa do educador que aceita a missão de ensinar essas crianças precisa estar alinhada com a grande complexidade de requisitos que é necessário para esse trabalho. Soares (2003) falou de uma característica importante da alfabetização quando pontuou que não basta apenas fazer a criança que está no processo de alfabetização conviver com materiais escritos, é preciso orientar esse caminho de maneira sistemática e progressiva, assim é também as crianças autistas, a dinâmica do educar precisa ser sistemática e atenta, para dar conta da gama de especificidades que o alfabetizador encontrará.

Nessa perspectiva precisamos respeitar as fases de compreensão da criança para assegurar que todo o processo seja realizado sem causar frustração e desta forma buscaremos estar sempre em diálogo com os saberes que os próprios vão nos apresentando, este é um dos pilares fundamentais na teoria de Freire (1996) para ser construído saberes que dialogam com a realidade do indivíduo.

É importante salientar o que foi dito anteriormente porque em casos pontuais pode acontecer do profissional responsável pela alfabetização dessa criança exigir competências na qual a criança ainda não possui habilidades de execução e por consequência ser desencadeado comportamentos lesivos, vemos que “Evitar que algumas crises se desenrolem pode prevenir danos físicos severos, uma vez que evita uma escalada da topografia e magnitude das respostas de agressão” (Perez; Coltri; Lima, 2018, p. 249). Entender como realizar o trabalho de desenvolvimento pedagógico aliado ao comportamento dessa criança, vai diretamente influenciar os resultados nesse processo de alfabetização, a autora Alves (2006) afirma que alguns estudos mostram que muitos comportamentos desafiadores exercem funções comunicativas de diversos aspectos portanto a articulação entre família, escola, terapeutas e médicos forma um importante organismo de compartilhamento de informações que são essenciais para realizar esse trabalho de maneira que a criança generalize os saberes que está

aprendendo com cada profissional específico, garantindo ganhos substanciais nessa jornada como vemos na fala das autoras:

A generalização do comportamento é um dos principais pontos em uma intervenção comportamental, auxilia no desenvolvimento de diferentes repertórios, dentre eles os relacionados à comunicação, à habilidade social e às habilidades acadêmicas, e permite que o indivíduo aprenda novas respostas, sem que seja necessário o treino direto de cada novo estímulo (Perez; Coltri; Lima, 2018, p. 379)

É necessário pontuar que as intervenções comportamentais assim como os trabalhos pedagógicos feitos desde muito cedo podem conceder evoluções importantes e diminuir a frequência e necessidade de manejar comportamentos inadequados, a autora pontua isso quando afirma:

Há evidência de que prover educação formal de forma precoce, a partir dos dois aos quatro anos, aliada à integração de todos os profissionais envolvidos, é a abordagem terapêutica mais efetiva. Parece que este contexto facilita o uso de técnicas de manejo mais consistentes, o que, por sua vez, pode estar relacionado à generalização e à manutenção de habilidades adquiridas. Essas estratégias auxiliam a minimizar ou evitar problemas comportamentais subsequentes, pois as crianças aprendem rapidamente que seus comportamentos podem servir como um meio para controlar o seu ambiente (Alves, 2006, p. 49).

Essa generalização auxilia na superação de dificuldades e estimula a elaboração de programas conjuntos feito por todos os profissionais prezando a estimulação frequente das habilidades que estão sendo propostas para a criança adquirir.

A nível de mapeamento pedagógico precisamos identificar tudo que já foi contemplado pelo aluno e estar desafiando as habilidades tanto do profissional alfabetizador quanto das crianças para ampliar mais ainda seu repertório de saberes, dessa maneira elas seguem progredindo em aprendizagens fundamentais para sua convivência no campo social. Essas habilidades muitas vezes podem passar despercebidas e até mesmo serem desassociadas à função do educador, mas devemos estar atentos assim com a importância de melhorar a condição da criança, auxiliando-a a lidar com as diversas situações da vida, utilizando da escuta e do trabalho em equipe como princípio fundamental nesse processo.

### **2.3 Transdisciplinaridade**

É muito comum que no imaginário coletivo esteja enraizada aquela ideia de que os responsáveis pelo desenvolvimento pedagógico da criança são apenas os profissionais de contexto escolar porém o atendimento clínico e todos os outros segmentos que acompanham a

criança autista no seu desenvolvimento tem um papel fundamental no processo de evolução, Schmidt das suas características sócio-interativas visto que para garantir que aquele trabalho realizado por um profissional seja generalizado em todos os contextos é preciso que os envolvidos no desenvolvimento dessa criança estejam articulados trabalhando em cima de uma linha de intervenção sólida e eficiente buscando os mesmos resultados, e para isso acontecer a transdisciplinaridade se faz indissociável de todos esses processos, principalmente de alfabetização, atuando como um alicerce extremamente importante pois cada área envolvida no crescimento das mais diversas habilidades do autista pode contribuir significativamente para a educação, Nicolescu afirma que:

A transdisciplinaridade como o prefixo ‘trans’ indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento (Nicolescu, 1999, p. 16).

A transdisciplinaridade interligada aos aspectos de uma alfabetização, é um recurso imprescindível para o trabalho com crianças autistas visto que, através dela conseguimos reduzir os danos causados por situações problema como a frustração por não conseguir realizar alguma atividade, exposição à ambientes que ofereçam estímulos aversivos e a quebra de rotina com muita recorrência. Nesse sentido, a aplicação através de um contexto transdisciplinar é extremamente efetiva porque ela conta com as experiências de variados setores relacionais dessa criança para garantir uma comunicação mais assertiva e uma abordagem eficiente na busca da garantia desse desenvolvimento de habilidades pedagógicas.

É perceptível que a perspectiva transdisciplinar oferece diversos benefícios para o desempenho pedagógico da criança autista, isso porque é afirmado na carta da transdisciplinaridade que, em seu Art. 3, entende que

A transdisciplinaridade é complementar à abordagem disciplinar, ela faz emergir novos dados a partir da confrontação das disciplinas que os articulam entre si; ela nos oferece uma nova visão da natureza e da realidade. A transdisciplinaridade não procura o domínio de várias disciplinas, mas a abertura de todas as disciplinas ao que as une e as ultrapassa (Carta da Transdisciplinaridade, 1994, p. 2).

O terapeuta responsável pelo segmento pedagógico consegue impactar de maneira muito positiva porque através do suporte de diversos olhares das mais diferentes áreas, é possível desenvolver seu trabalho de alfabetizar de forma muito competente e satisfatória, evitando sofrimento e fornecendo a criança mecanismos de instrução mais eficazes para execução de suas atividades e conquista dos mais diversos objetivos de aprendizagem através

do trabalho pautado pela transdisciplinaridade, a fala destacada esclarece que “Sendo o autismo considerado uma desordem complexa do desenvolvimento, apenas uma área do conhecimento, isoladamente, parece insuficiente para conhecê-lo e lidar adequadamente com suas particularidades” (Schmidt, 2013, p. 19). Desta forma o conceito de transdisciplinaridade aqui posto, é baseado no envolvimento das diversas especialidades dentro de uma esfera de comunicação que preza o desenvolvimento global do indivíduo como uma ferramenta eficiente para afetar positivamente a evolução humana em todos os seus aspectos.

As discussões sobre transdisciplinaridade pressupõem aspectos abrangentes que englobam, sobretudo, um processo de dialogicidade. Os sujeitos que desejam estar no processo transdisciplinar precisam estar reciprocamente inseridos em sua área de formação e na área dos outros colegas Iribarry (2003), portanto é entendido que para haver uma abordagem interventiva transdisciplinar é inevitável que aconteça uma aplicação proporcional ao contexto que a transdisciplinaridade está inserida.

A discussão se encontra muito escassa, visto que, para acontecer realmente a abordagem transdisciplinar é necessário um contexto interacional muito complexo, segundo o autor Iribarry (2003) a transdisciplinaridade é um tipo de sistema de níveis e objetivos múltiplos onde a equipe compartilha soluções, problemas não resolvidos e metodologias acessíveis a todos. Por conseguinte, uma configuração nessa dimensão é realmente difícil de se encontrar no tratamento de crianças autistas por conta de todas as questões que foram levantadas anteriormente, mas sobretudo pelo fato do tratamento necessitar de uma grande equipe para dar conta da diversidade de questões que o Transtorno do Espectro Autista traz.

Para o campo da alfabetização, onde a investigação se situa, a transdisciplinaridade é um divisor de águas pois permite que o educador escolar ou terapeuta alfabetizador domine recursos oriundos de outras áreas que podem trazer metodologias que contribuam para o aceleração e continuidade do trabalho pedagógico dessas crianças, desta forma o autor Schmidt (2013) contribui para a ideia com a colocação de que um discurso compartilhado entre as disciplinas estaria aprimorando cada vez mais o conhecimento de cada uma delas e semearia uma construção de conhecimento mais amplo viabilizando melhorias para os tratamentos das pessoas autistas.

---

### **3 RESULTADOS**

Durante o caminho percorrido pelas duas etapas da pesquisa foi observado várias nuances no que diz respeito ao trabalho transdisciplinar e as implicações desse exercício para o alfabetizar das crianças com autismo. Inicialmente foi observada 4 sessões de musicoterapia com crianças em processo de alfabetização, no decorrer dessas observações foram obtidos os seguintes resultados com relação às contribuições desse setor no processo de alfabetização: A musicoterapeuta utilizava recursos visuais de previsibilidade, sistema de economia de fichas e reforço positivo para estimular comportamentos desejáveis como também para manter um bom controle instrucional e prevenção de comportamentos disruptivos oriundos de quebras de rotinas e padrões comuns além da utilização da prancha de comunicação suplementar aumentativa para crianças com necessidades complexas de comunicação.

Através da música a terapeuta introduziu a abordagem do método fônico de alfabetização estimulando a memorização auditiva e reprodução do som daquelas letras sempre em consonância com os níveis pedagógicos que a criança possuía, com base em um sumário de habilidades fornecido pelo setor de psicopedagogia que orientava como a musicoterapeuta poderia introduzir as letras, encontros vocálicos e até leitura na sua terapia. Foi observado em praticamente todas as sessões que além desse treino fônico a musicoterapia também trabalhava questões de coordenação motora fina e grossa ao utilizar dos instrumentos como recurso para esse exercício, sobretudo o teclado e o violão e trabalhava também questões de memória ao apresentar sequência de notas e pedir que a criança reproduzisse.

Quando a entrevista foi realizada com a terapeuta do setor de musicoterapia, foram realizadas algumas perguntas com caráter apenas norteador para se encaminhar até os objetivos pretendidos pela pesquisa. A terapeuta afirma que a musicoterapia tem muito a contribuir para a alfabetização das crianças, em suas palavras ela afirma que

*As crianças que não percebem bem os timbres, que não percebem o som, a musicoterapia vai estimular esse processamento. Ela também pode contribuir para memorização porque há toda uma questão com sequência melódica das canções, e isso vai contribuir para que esse cérebro esteja preparado também para também memorizar os fonemas e as palavras tudo isso dentro desse contexto (Musicoterapeuta).*

Quando questionada sobre as relações de trocas e contribuições e se havia vantagens dentro da abordagem transdisciplinar para o processo de alfabetização de crianças autistas, a terapeuta declarou que

*A musicoterapia não caminha sozinha, por mais que perpassa outras áreas, eu como musicoterapeuta tenho minhas limitações de conhecimento. Trabalhar em contexto transdisciplinar, para mim, enquanto musicoterapeuta, para mim é conhecer as dificuldades do meu paciente, seja na comunicação, na alfabetização ou na coordenação motora e a partir daí elaborar um plano eficaz em que a música possa contribuir efetivamente (Musicoterapeuta).*

Logo depois de realizar uma discussão a respeito da atuação da música em contexto clínico, entramos em diálogo com as dificuldades encontradas no trabalho transdisciplinar para o setor e através desse diálogo foi relatado os seguintes problemas

*A minha maior dificuldade em trabalhar nesse contexto eu acho que é nas pessoas compreenderem realmente o que é a musicoterapia [...] Mesmo que só me ouçam cantar e tocar durante minha sessão com a criança eu estou observando questões de memória musical, se há sensibilidade a algum som ou timbre, se precisa reduzir tom ou volume da música, se é preciso quebrar algum padrão rítmico para que não se estabeleça um comportamento roteirizado. E dentro de uma equipe grande como a transdisciplinar pode acontecer de várias áreas trabalharem usando a música e acabar hiperestimulado essa criança com música e quando chegar até mim para fazer de fato uma terapia com música a criança pode estar cansada (Musicoterapeuta).*

Para continuidade serão apresentados os resultados observados pelo acompanhamento de 3 sessões de uma Terapeuta de Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e aplicação de entrevistas com a mesma.

Dentro das sessões foi evidenciado a presença de algumas estratégias e recursos que foram utilizados durante o atendimento, tais como o uso da CSA (Comunicação suplementar aumentativa) utilização de jogos e materiais pedagógicos adaptados, treinos de coordenação motora, massageadores e materiais específicos de uma dieta sensorial prescrita pela terapeuta ocupacional. As estratégias oriundas de outro setor eram aplicadas sob supervisão e orientação direta dos responsáveis.

Durante a entrevista com a Terapeuta ABA foram feitos alguns questionamentos a respeito da alfabetização e como a terapia ABA pode beneficiar esse processo. A terapeuta falou da seguinte forma:

*O setor de ABA (análise do comportamento aplicada) trabalha muito com equivalência de estímulos e hierarquia de dicas, que são estratégias de aprendizagem, nesse sentido ao formular um Plano de Ensino Individualizado, como o feito no psicopedagógico, podemos dividir algumas habilidades que queremos que a criança adquira em consonância com outras áreas, por exemplo o ensino das vogais no pedagógico pode ser repetido dentro da terapia aba como forma de pareamento, a escrita do nome e a leitura de pequenas de palavras (Terapeuta ABA).*

Quando conversado sobre estratégias do setor para o desenvolvimento de habilidades que poderiam dar suporte ao processo da alfabetização, a terapeuta colocou algumas formas de intervenção que afetariam positivamente esse processo:

*Veja, quando pegamos crianças muito pequenas ou aquelas que ainda não desenvolveram habilidades que chamamos de pré-acadêmicas, fazemos alguns treinos comportamentais que vão ser muito importantes para a evolução dessa criança. Por exemplo, no ABA temos uma intervenção que se baseia em adquirir comportamentos de aluno, que é basicamente permanecer por algum tempo sentado, seguir instruções, acompanhar rotina e manter a atenção por um tempo adequado para que se adquira o conhecimento das letras, números e de todo o contexto escolar. Respeitando as limitações da criança, mas sempre buscando desafiar-las. Para conquistar esses objetivos, utilizamos de recursos como economia de fichas, rotina visual, sistema de reforçadores, hierarquia de dicas e troca de turnos (minha vez e sua vez), são estratégias que são facilmente aplicadas em outros contextos terapêuticos, escolar e do cotidiano mesmo; essas ferramentas são muito facilitadoras para promover a o engajamento e continuidade do processo de aprendizagem dessas crianças (Terapeuta ABA).*

Sobre as vantagens e desvantagens para essas crianças dentro da abordagem transdisciplinar, a terapeuta o setor ABA colocou que era necessária uma maior comunicação entre as equipes porque por vezes a falta de compartilhamento de informações acabava prejudicando tanto estratégias mais robustas de intervenção quanto formas de abordagem mais criativas e dinâmicas. Contudo ela pontua que as crianças se beneficiam muito do processo transdisciplinar porque, apesar de tudo, tudo está acontecendo dentro do próprio organismo clínico, o que facilita observações e um maior alinhamento acerca das necessidades da criança.

A terapeuta informou que uma das maiores vantagens para as crianças era que toda a equipe era treinada e tinha consciência sobre o uso da CSA (Comunicação suplementar aumentativa), os sumários pedagógicos estavam disponíveis para que os terapeutas pudessem estar cientes das habilidades pedagógicas que essas crianças contemplavam e aquelas que precisam ser treinadas, as dietas sensoriais formuladas pelo setor de terapia ocupacional também estavam de livre acesso para a equipe utilizar todo planejamento da dieta com o intuito de regular crianças com necessidades sensoriais específicas, além de treinos motores fornecidos pelo setor de psicomotricidade e acervo de instrumentos, músicas e sons específicos orientados pelo setor de musicoterapia para as outras áreas.

Em diálogo com uma terapeuta do setor psicopedagógico, foi conversado sobre as definições do que seria essa alfabetização dentro do ambiente transdisciplinar e como aconteceria isso para as crianças que estão no espectro do autismo, suas nuances como também suas estratégias para realizar esse trabalho. Para além dos diálogos foram feitas algumas

questões a respeito da caracterização dessa alfabetização. A terapeuta trouxe algumas definições com o intuito de realizar esse quadro de caracterização, como vemos a seguir nas falas dela.

*Na psicopedagogia a gente tem esse olhar direcionado para detectar dificuldades e habilidades e com isso viabilizar esses processos de ensino e aprendizagem de acordo com as necessidades de cada criança respeitando toda a conjuntura humana que faz parte desse desenvolvimento, sendo ela cognitiva, afetiva-emocional, cultural, social etc. Em um ambiente transdisciplinar é mais eficiente realizar esse trabalho, porque com o diálogo e troca de informações é possível explorar de maneira mais adequada, com o intuito de gerar autonomia e melhorar de maneira assertiva a qualidade de vida dessas crianças.*

*Dentro dos processos clínicos, a alfabetização é trabalhada com materiais adaptados levando em consideração estratégias lúdicas para melhorar o entendimento e facilitar o ensino, sempre com o objetivo de alcançar o parâmetro cognitivo versus idade biológica. As áreas de fonoaudiologia, musicoterapia, psicologia, TO e psicomotricidade auxilia nesse processo de aprendizagem e desenvolvimento quando melhoram o processamento auditivo, consciência fonêmica e rítmica, diminui comportamentos desafiadores e sensoriais e ajudam no reconhecimento e consciência de seus corpos em um ambiente e contexto, respectivamente (Psicopedagoga).*

A fala do setor de fonoaudiologia deixou enfatizado quais são seus compromissos, suas abordagens mais específicas e como esse terapeuta enxerga a transdisciplinaridade e a função do fonoaudiólogo nessa conjuntura.

*A maior vantagem em se trabalhar num contexto clínico transdisciplinar é o alinhamento de planejamentos e intervenções terapêuticas, a gente consegue trazer coisas do pedagógico, terapia ocupacional, ABA, psicomotricidade trazendo para nossa área e agregando, fazendo disso uma abordagem mais global para potencializar o desenvolvimento dessa criança que tem autismo. Outro ponto é essa comunicação entre as áreas no sentido de compartilhar dados obtidos através de protocolos da área, alinhar objetivos e também aplicação de protocolos. É muito importante esse contato entre as áreas porque você está sempre aprendendo, não fica recluso apenas na sua caixinha (Fonoaudiólogo).*

Buscando dinamizar e obter uma visão mais ampla da forma como os terapeutas passam pela experiência da transdisciplinaridade, foram feitos mais questionamentos sobre o entendimento do setor a respeito das dificuldades de trabalhar em um contexto transdisciplinar

*A maior dificuldade em executar um trabalho com vários profissionais de áreas diferentes, eu acredito que possa ser às vezes problemas de comunicação, querendo ou não, quando uma equipe é grande pode acontecer de você não conseguir contatar o outro terapeuta. Quando estamos realizando avaliações, por exemplo, às vezes uma equipe termina com maior antecedência e busca mais informações com a outra, mas pode haver esse desencontro no sentido de cada uma levar um tempo diferente para realizar*

*suas avaliações. Mas tirando essas situações pontuais não acredito que tenha tanta dificuldade (Fonoaudiólogo).*

Também foi conversado com o terapeuta do setor de fonoaudiologia sobre as contribuições do setor para o desenvolvimento da alfabetização de crianças autistas e quais seriam as estratégias para aplicação transdisciplinar nesse contexto de alfabetização.

*Eu acredito que nossa contribuição para alfabetização das crianças vem mais no sentido de fazer aquele reforço no trabalho da relação grafema e fonema, tanto na escrita quanto na parte de consciência fonológica, dando PROMPT para auxiliar a criança a ter um controle articulatório melhor para pronunciar os fonemas. Fazemos atividades de processamento auditivo também para melhorar a decodificação dessas palavras pelos sons. Acredito que na minha área é dessa maneira que trabalhamos para reforçar a alfabetização. Vale lembrar que usamos também alguns materiais do setor psicopedagógico para dar um gás a mais nessas crianças, com atividades de leitura e escrita (Fonoaudiólogo).*

---

#### **4 DISCUSSÃO**

Diante das observações e diálogos direcionados foi possível compreender como se caracteriza a alfabetização em ambiente clínico com perspectiva transdisciplinar, que por sua vez se aproxima muito do olhar de Soares (2020) quando se afirma que o trabalho de alfabetizar é um exercício conjunto que leva em conta diversos contextos. Quando coletado os resultados feito através das observações foi possível compreender que as formas de aplicação do trabalho pedagógica vislumbravam muito mais que apenas resultados acadêmicos, dentro das sessões observadas o profissional buscava explorar os interesses da criança e seguir seu fluxo, para então colocar em prática seus planos individualizados de desenvolvimento o que também dialoga com Freire (1996) pois o próprio autor, referência em alfabetização, alerta da importância de se ter uma educação pautada na realidade do indivíduo e isso diz respeito diretamente a essa sensibilidade de observar essa criança e encontrar uma oportunidade de realizar suas intervenções em cima do que ela leva para você.

Reforçando a postura da clínica em promover uma alfabetização pautada nas especificidades de cada criança, a questão mais evidente do espaço foi os inúmeros materiais pedagógicos adaptados para realizar o trabalho com essas crianças. Nas observações de sessões pedagógicas e na fala da psicopedagoga foi percebido que cada criança tinha uma bolsa específica contando com atividades lúdicas, niveladas com sua necessidade de aprendizagem e nos objetivos pensados para superá-las. A estratégia adotada pelo setor pedagógico da clínica foi utilizar o método fônico, que segundo a terapeuta “*É uma maneira de amenizar as defasagens de aprendizagem porque dentro desse método a alfabetização acontece de maneira*

*fragmentada e as crianças aprendem parte por parte*”. Além disso foi observado que para as crianças que passaram da etapa de codificação e decodificação alfabética, etapa importante segundo Magda (2003), acontece a mescla com a perspectiva de letramento.

O setor pedagógico durante as sessões observadas utilizou de diversas estratégias oriundas de outros campos terapêuticos, como rotinas visuais, massagedores para regulação sensorial, jogos de coordenação motora para trabalho de lateralidade e compreensão global do corpo, uso de pranchas de alta tecnologia para comunicação das crianças com necessidades complexas de comunicação, músicas específicas para regulação e reforçamento que foram orientadas pela musicoterapeuta. Esses pontos observados reafirmam a ideia que Iribarry (2003) e Schmidt (2018) colocam quando pontuam a necessidade de uma equipe altamente articulada e imersa no trabalho do outro para dar conta da grande complexidade que envolve o desenvolvimento de crianças autistas.

Portanto a alfabetização dessas crianças em ambiente clínico transdisciplinar é caracterizada pelo mapeamento de habilidades e utilização de intervenções individualizadas com apoio de materiais adaptados e uma constante investigação para dar conta das mais diversas variáveis que podem ocorrer durante o processo de aprendizagem que não é linear, o apoio de todas as áreas terapêuticas do centro é extremamente relevante no sentido de ampliar possibilidades e estimular cada vez mais a criatividade do alfabetizador clínico. Não foi visto em nenhum momento das observações de sessões psicopedagógicas dificuldades em relacionar os objetivos de outras áreas dentro do plano individualizado das crianças, a terapeuta conduziu as sessões articulando estratégias do seu setor com grande variedade dos outros, percebeu-se assim que tornava a dinâmica da terapia muito mais fluída e o terapeuta por sua vez tinha um maior controle de comportamentos inadequados e estímulos aversivos.

Tendo como pano de fundo algumas falas dos entrevistados, foi muito gratificante conseguir observar com bastante clareza o papel de cada terapeuta ali, que é um dos objetivos desse trabalho, para o desenvolvimento e potencialização dos processos alfabetizantes. Desenvolvendo um pouco sobre sua função, a terapeuta de Análise do Comportamento Aplicada fala o seguinte

*Dentro da análise do comportamento aplicada temos bastante repertório e protocolos de avaliação que facilitam em muito o mapeamento de habilidades pedagógicas e aquelas que a gente chama de pré-acadêmicas, com isso eu acredito que podemos dar um grande suporte pro setor de psicopedagogia como uma extensão nesse processo de avaliação, criação de estratégias e generalização dos aprendizados ( Terapeuta ABS, 2023).*

Em relação com a teoria introduzida por Perez, Coltri e Lima (2018), a terapeuta põe a discussão de elementos importantes para a garantia de aprendizagens que ultrapassam o campo da escola ou setor psicopedagógico, as autoras colocam a importância da análise do comportamento aplicada para aquisição, manutenção e generalização de repertórios aprendidos.

Como extensão das observações realizadas para esse objetivo, os setores de Fonoaudiologia e de Musicoterapia trazem importantes contribuições dentro do aspecto metodológico da clínica, que se baseia no método fônico de alfabetização, ambas as áreas desenvolvem uma consciência fonêmica em consonância com as especificidades de cada criança facilitando o desenvolvimento da área pedagógica quando realiza seu trabalho de alfabetização mais específico, Soares (2003, p. 17) salienta, “Codificar e decodificar viraram nomes feios [...] Ninguém aprende a ler e a escrever se não aprender relações de fonemas e grafemas para codificar e para decodificar. Isso é uma parte específica do processo de aprender a ler e escrever”.

Nesse sentido ambos os setores se fazem muito importantes, sobretudo nessa etapa de decodificação e codificação do sistema alfabético, por serem membros extensores direto dessa relação de aquisição de significados e repertórios diretamente ligados ao processo de alfabetização, que percorre várias etapas e muitas delas se relacionam com o processamento de fala e escuta dos sons segundo Ferreiro e Zen (2022).

Retomando nosso objetivo geral, que buscava compreender o impacto dos resultados no processo de alfabetização na abordagem transdisciplinar, foi observado e posteriormente analisado que esses processos transdisciplinares somaram de maneira significativa para o desenvolvimento das intervenções pedagógicas. O controle instrucional do terapeuta psicopedagógico melhorou todas as vezes que foi visto o uso de recursos visuais de previsibilidade e oferta de reforçadores, trazendo as crianças das sessões observadas para mais momentos de atenção e, por consequência, uma compreensão mais elaborada acabava sendo formada por esses pequenos.

Estímulos sensoriais foram também uma grande chave para o desenvolvimento efetivo das atividades pedagógicas, principalmente com crianças que sofrem com desregulações sensoriais constantes, mostrando mais uma vez que o terapeuta que estava responsável pelo trabalho de alfabetizar deu conta de aprender um pouco sobre cada uma das áreas para oferecer um melhor desempenho para seu aluno. Levando tudo isso em conta, dentro do contexto observado, percebesse que mediante uma óptica profissional mais global, a percepção das

limitações e potenciais da criança é avaliada e explorada com o máximo de cautela, pois foi buscando garantir maior êxito nos processos de intervenção com diversos objetivos que o trabalho transdisciplinar se mostrou muito eficiente.

A pesquisa sobretudo compreende que os impactos foram, sem dúvidas, os mais positivos possíveis como já expostos anteriormente, através dessa abordagem as aplicações de atividades com crianças de diferentes níveis de suporte realizaram suas demandas com desempenhos surpreendentes, com controle de comportamentos inadequados, regulação sensorial motor e sonora, percepção de corpo e comunicação assertiva, levando essas crianças a terem um terreno bem preparado para a aprendizagem de repertórios mais acadêmicos como escrita e leitura.

Mas diante da magnitude que é se realizar um trabalho transdisciplinar alguns terapeutas observados se mostraram inseguros ao se aventurar em protocolos e abordagens cedidos e instruídos pelas áreas vizinhas, além dos relatos cedidos pelas entrevistas constarem algumas falas que remetem a falhas de comunicação entre as áreas e pouco engajamentos algumas com relação a se dispor para o aprendizado das outras áreas e linhas de intervenção, ponto muito crucial na abordagem transdisciplinar pois Nicolescu (1999) relata um aspecto muito importante na transdisciplinaridade que é a visão do fenômeno diante de várias posições disciplinares diferentes, levando em conta o que está entre e além delas.

---

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa se apresentou como um material introdutório para quem se interessa nos estudos acerca do fenômeno que é a transdisciplinaridade, como um recurso indispensável no contexto de ensino-aprendizagem para crianças autistas. Foi necessário fazer um recorte para o âmbito da alfabetização pois esta é uma das etapas mais difíceis para crianças autistas. Essa fase gera diversas complicações pois a demanda por processos de assimilação e memorização, além de reprodução (escrita) ficam muito intensos e geram comportamentos indesejáveis que podem ou não causar maiores complicações durante o ensino.

O tema em questão é de suma importância para o debate pois pode abrir portas para pesquisas mais densas e aprofundadas em outras partes desta ampla abordagem. Evidencia-se também por ser um tanto quanto recente as aplicações da transdisciplinaridade no tratamento clínico de crianças autistas, portanto é algo que tem muitos frutos de conhecimento para serem

colhidos e quem sabe até aprimorados através do debate científico, possibilitando assim mais possibilidades de lidar com o autismo de maneira mais segura e assertiva.

Todos os resultados obtidos através desta pesquisa, reforçam a importância de abordagens que trazem o envolvimento coletivo pautado em diversos propósitos, mas que seguem uma frente única realizada por diversos profissionais, sendo essa frente o desenvolvimento da criança autista. Foi possível ver um manejo mais eficiente com estratégias de comportamento, uma comunicação mais inclusiva e que possibilita interações mais propositivas, materiais de ensino totalmente adaptados às necessidades específicas de cada criança, facilitando em muito o processo de ensino aprendizagem deles.

Sobre os objetivos, foi traçado uma linha de base que buscava em dois objetivos específicos caracterizar a alfabetização no ambiente clínico transdisciplinar e relatar a importância dos terapeutas de diversas áreas nesse contexto. Como objetivo geral o trabalho buscou em sua disposição relacionar os resultados obtidos e relatar o impacto deles para a alfabetização das crianças autistas no contexto clínico transdisciplinar.

O objetivo de caracterizar essa alfabetização foi realmente possível, graças à disponibilidade dos envolvidos, percebemos que a metodologia de alfabetização através do método fônico era a principal estratégia em conjunto com sua adaptabilidade para aplicações mais lúdicas, o uso dos materiais individuais também foram um diferencial pois estavam pautadas numa consonância entre as habilidades que a criança tinha no seu repertório e aquelas que ela já estaria apta a aprender, a perspectiva do letramento também estava inclusiva na metodologia da clínica mas era acionada após a criança atingir determinado ponto do desenvolvimento das competências para leitura e escrita. Para além, a alfabetização se caracterizava também por uma linha filosófica de promotora de autonomia social, tendo auxílio de todas as outras áreas para ir em busca deste objetivo.

Em nosso segundo objetivo específico a pesquisa ficou encarregada de relatar a importância de cada terapeuta e respectivamente sua área, e acreditamos que demos conta de relatar de maneira sucinta, mas ainda assim enriquecedora, ao colocar os relatos específicos de cada sujeito entrevistado foi possível observar similaridades e falas parecidas entre eles e assim perceber de maneira direta e indireta o papel que cada área ocupava ali e sua importância para fazer o processo acontecer.

Dentro do objetivo geral foi analisada as falas dos entrevistados e as observações de seus atendimentos e com isso tornou-se quase que uma tônica dessa pesquisa o fato de que a

transdisciplinaridade possibilita um envolvimento muito maior, tornando-se um organismo extremamente complexo e bastante eficiente, dando conta de envolver várias áreas em intervenções oriundas de outras e desta forma compartilhar dados e informações, e isso reflete diretamente no desenvolvimento da criança e na assertividade dos terapeutas. Essa rede de informações possibilita que o terapeuta dentro do processo transdisciplinar se constitua como um pouco de cada coisa e ainda assim não perca a essência da sua área de atuação, mas que aprenda com todas as outras para oferecer um atendimento mais completo e eficiente para seus pacientes e isso também se torna outro ponto que influencia de maneira direta na alfabetização dessas crianças. Acredito desta forma ter conseguido trazer de forma resumida, porém clara, muitos dos benefícios e impactos que essa abordagem proporciona para crianças autistas em processo de alfabetização.

Acredito que a pesquisa necessite de ajustes e de algumas ramificações para discutir temas mais específicos que podem ter estimulado a curiosidade do leitor ao se deparar com eles durante a leitura, e por falta de profundidade, algo que infelizmente não seria possível dar conta visto que há muitas discussões importantes que necessitam de especificidade, a pesquisa buscou dar conta de um recorte muito específico. Fica aqui, sobretudo, um forte sentimento e vontade de continuar trazendo informações à medida que forem sendo apresentadas sobre abordagens transdisciplinares, pois acredito firmemente que ela pode ser generalizada em qualquer contexto e possibilita sobretudo um arcabouço mais completo para se fazer ciência.

Me interessa profundamente a discussão das estratégias de ensino que a Análise do Comportamento Aplicada oferece porque acredito que há muito espaço no fazer pedagógico que poderia ser explorado e beneficiado por estratégias do ABA como um reforço para se conquistar objetivos e aprendizagem significativas. Expresso aqui também um vasto interesse em trazer para o âmbito acadêmico discussões acerca da qualidade de ensino que o uso da Comunicação Suplementar Aumentativa oferece para autistas que possuem alguma dificuldade comunicação expressiva e compreensiva. Também coloco aqui que a CSA é um recurso de inclusão incrível que oferece a possibilidade de se ter uma comunicação mais eficiente entre os pares.

---

## REFERÊNCIAS

ALVES, Cleonice Bosa. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, Porto Alegre, v. 28, supl. 1, p. S47–S53, maio 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000500007>. Acesso em: 11 ago. 2025.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais- DSM. 5.ed.** Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de Dezembro de 2012** – Lei que Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, DF: Presidência da República, 2012.

BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização.** Caderno de Apresentação/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2015.

CETRANS, Centro de Educação Transdisciplinar. **Carta Da Transdisciplinaridade.** Convento da Arrábida, 6 de novembro de 1994.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Educação: Do Conhecimento Disciplinar ao Transdisciplinar e a Questão de Valores. **Ideação**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. p.79–92, 2010. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4145>. Acesso em: 1 maio. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IRIBARRY, Isac Nikos. Aproximações sobre a transdisciplinaridade: algumas linhas históricas, fundamentos e princípios aplicados ao trabalho de equipe. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 3, p. 483–490, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000300007>. Acesso em: 11 ago. 2025.

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade.** Triom: São Paulo, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PEREZ, Cíntia. COLTRI, Luciana. LIMA, Renata (org.). **Estratégias da Análise do Comportamento Aplicada para pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo.** São Paulo: Memnon Edições Científicas, 2018.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever.** São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. A reinvenção da alfabetização. **Presença Pedagógica**, v. 9, n. 52, jul./ago. 2003. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/1/122>. Acesso em: 11 ago. 2025.

SCHMIDT, Carlo (Org). **Autismo, Educação e Transdisciplinaridade.** Campinas, SP: Papirus, 2013.

DIEGO SANTOS MENDES DA SILVA

**APONTAMENTOS SOBRE A IMPORTÂNCIA DA TRANSDISCIPLINARIDADE NO  
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS NO CONTEXTO  
CLÍNICO: uma visão dos terapeutas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel/licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: 29/09/2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª. Dra. Ana Maria Tavares Duarte (Orientadora)  
Núcleo de Formação Docente/CAA – UFPE

---

Profª. Dra. Ana Maria de Barros (Examinadora Interna)  
Núcleo de Formação Docente/CAA – UFPE

---

Profª. Dra. Fernanda Sardelich Nascimento (Examinadora Interna)  
Núcleo de Formação Docente/CAA - UFPE